



Universidade de Brasília

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

**COMPORTAMENTOS E RELACIONAMENTOS DOS EDUCANDOS
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Cleide Marcia de Souza Clímaco

Professora-orientadora Mestra Juliana Fonseca Duarte

Professora monitora-orientadora Mestra Andréia Mello Lacé

Brasília (DF), Maio de 2013

Cleide Marcia de Souza Clímaco

**COMPORTAMENTOS E RELACIONAMENTOS DOS EDUCANDOS
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Professora-orientadora Mestre Juliana Fonseca Duarte e da Professora monitora-orientadora Mestre Andréia Mello Lacé.

Brasília, 18 de maio de 2013

TERMO DE APROVAÇÃO

Cleide Marcia de Souza Clímaco

COMPORTAMENTOS E RELACIONAMENTOS DOS EDUCANDOS NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Msc Juliana Fonseca Duarte
(Professora-orientadora)

Msc Lívia Silva Souza – SEEDF
(Examinadora externa)

Brasília, 18 de maio de 2013

Aos meus queridos pais Manoel e Rozinete (in memoriam)

Ao meu esposo e companheiro Adalto

Aos meus amados filhos Gabriel e Isabela

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e pelo vigor que me concedeu para seguir sempre adiante.

À Professora Andréia, pela paciência, pela dedicação e pelas sempre pertinentes orientações.

Ao meu pai, por me ensinar o valor da busca pelo conhecimento.

A minha mãe, por ter me contagiado com sua fé e alegria constantes.

Aos meus irmãos, pelas palavras de incentivo e encorajamento.

Ao meu esposo Adalto, pelo apoio constante e pela compreensão.

Aos meus filhos, por entender os momentos em que não pude lhes dar atenção.

Às minhas amigas Gisele Guedes, Giselle Lopes e Mariluzia, pela amizade e companheirismo que se fizeram presentes ao longo da minha jornada.

A todos os alunos e professoras que participaram da pesquisa, pela indispensável contribuição que gentilmente deram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa teve como foco a investigação dos diversos comportamentos apresentados por alunos inseridos no Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) na interação com os colegas e com o professor. Foram abordados na pesquisa os valores explicitados nas suas relações e os principais fatores que influenciam tais comportamentos. O tipo de pesquisa realizado foi a qualitativa, utilizando como instrumentos de coleta de dados a observação sistemática e o questionário. Os sujeitos de pesquisa foram crianças entre 6 e 8 anos, matriculados na Escola Classe 52 de Taguatinga, juntamente com os professores regentes das turmas de alfabetização da mesma instituição. Os dados coletados mostraram que a interação dos alunos entre si é marcada por vínculos de amizade, predominando um clima harmonioso. E a interação deles com o professor se baseia no respeito mútuo e no carinho. Constatou-se assim a importância de desenvolver ações no sentido de reforçar essas atitudes para que permaneçam ao longo da vida do educando.

Palavras-chave: comportamento, valores, interação.

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E ILUSTRAÇÃO

| | |
|---|----|
| Ilustração 1: Passos da coleta de dados | 25 |
| Gráfico 1: Gosta de ir à escola? | 27 |
| Tabela 1: Você tem amigos na sua turma? | 28 |
| Gráfico 2: Gosta da professora? | 30 |
| Gráfico 3: Já brigou na escola? | 31 |
| Gráfico 4: O que gosta de fazer quando está em casa? | 34 |
| Tabela 2: Que mídia exerce maior influência na formação dos alunos? | 34 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1 REFERENCIAL TEÓRICO | 12 |
| 1.1 O que é BIA? | 13 |
| 1.2 Escola – ambiente de socialização | 14 |
| 1.3 Criança como ser social | 15 |
| 1.4 Interação entre crianças e adultos | 15 |
| 1.5 A influência da mídia | 17 |
| 1.6 A violência no convívio escolar | 18 |
| 2 METODOLOGIA | 21 |
| 2.1 Observação | 22 |
| 2.2 Questionário | 23 |
| 2.3 Procedimento para análise de dados | 24 |
| 3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS | 26 |
| 3.1 Socialização no ambiente escolar | 26 |
| 3.2 Interação criança e adulto | 29 |
| 3.3 Violência no convívio escolar | 31 |
| 3.4 Influência da mídia | 34 |
| 3.5 Valores | 37 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 39 |
| REFERÊNCIAS | 42 |
| APÊNDICE A – Questionário para os alunos | 44 |
| APÊNDICE B – Questionário para os professores | 45 |
| APÊNDICE C – Termo de colaboração | 47 |
| APÊNDICE D – Roteiro da observação sistemática | 48 |

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda como tema “Os atores no processo de ensino aprendizagem”. Tais atores são identificados como aqueles que fazem parte da comunidade escolar. Incluem-se assim os docentes, os educandos, os pais destes, a direção e a coordenação pedagógica da escola e os servidores que executam tarefas de apoio. Para o trabalho em questão, os atores investigados foram os docentes e os educandos, analisando o modo como interagem.

A escolha desta temática se deve às minhas observações realizadas na escola onde atuo e também nas outras onde trabalhei anteriormente. Tenho observado a existência de vários comportamentos que afetam direta ou indiretamente na interação entre professores e educandos.

Há diversos fatores que podem ajudar a moldar tais comportamentos. Investiguei alguns destes fatores e quais tipos de comportamento os alunos desenvolvem dentro do ambiente escolar. A presente pesquisa foi realizada na Escola Classe 52 de Taguatinga, que possui 16 turmas, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, sendo que 10 são turmas de alfabetização. A escola foi inaugurada em 18 de setembro de 1990, visando atender à demanda do assentamento instalado no Setor “M-Norte” de Taguatinga. Foi construída uma instalação provisória, que já completa 22 anos de existência sem qualquer reforma ou substituição.

Em virtude disto, enfrentamos na escola problemas de infraestrutura, visto que não contamos com um espaço adequado para o desenvolvimento de um bom trabalho pedagógico. Não temos uma sala de vídeo, a sala de recursos divide espaço com a sala dos vigias, para que os alunos tenham reforço utilizamos a sala de leitura, não temos quadra de esporte, o *playground* é bastante precário. O público atendido pela escola constitui-se na sua maioria por crianças de baixa renda, muitas delas assistidas por programas assistenciais e/ou sociais. Há também alguns alunos com necessidades educacionais especiais.

Escolhi a escola onde atuo para realizar a pesquisa por atender alunos dos anos iniciais do ensino fundamental e focalizei os alunos do 1º ao 3º ano (crianças entre 6 e 8 anos), que estão inseridos no ciclo de alfabetização, denominado Bloco Inicial de Alfabetização (BIA), visto que nessa fase as crianças começam a se relacionar com outras pessoas que estão fora do seu círculo familiar. Nesse período também inicia-se a inserção da criança na educação formal, no mundo letrado.

Com base nessas reflexões, cheguei à seguinte pergunta de pesquisa: Quais são os diversos comportamentos apresentados pelos alunos inseridos no Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) da Escola Classe 52 de Taguatinga (EC 52) quando da interação entre eles e com os professores?

Para a análise desta questão, estabeleci os seguintes objetivos:

- Objetivo Geral: Investigar os aspectos comportamentais presentes no relacionamento interpessoal entre professor-aluno e aluno-aluno dentre o público integrante do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) da Escola Classe 52 de Taguatinga.
- Objetivos Específicos:
 1. Observar quais valores são predominantes na comunidade da qual fazem parte os educandos que estão matriculados no BIA da EC 52;
 2. Identificar que tipos de comportamento predominam nas relações aluno-aluno e aluno-professor;
 3. Investigar a influência das diversas mídias (televisão, rádio, internet, mídia impressa) nas atitudes e comportamentos apresentados pelos educandos;

Pretendo, portanto, com essa pesquisa, investigar como os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, especificamente inseridos no Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) da Escola Classe 52 de Taguatinga, se relacionam entre si e com o professor regente. O aprofundamento da presente pesquisa se deu com a identificação de alguns tipos de comportamento apresentados por tais alunos e de alguns dos fatores que contribuem para moldá-los.

O desenvolvimento da pesquisa e os resultados dela provenientes são apresentados neste trabalho divididos em três capítulos. O primeiro, o referencial teórico, trata do embasamento na literatura referente ao tema da pesquisa, com uma subdivisão em tópicos relacionados ao objetivo geral e aos objetivos específicos: definição do BIA, Escola como ambiente de socialização, criança como ser social, interação entre crianças e adultos, a influência da mídia e a violência no convívio escolar.

O segundo capítulo trata da metodologia por meio da apresentação dos instrumentos e dos procedimentos que viabilizaram a obtenção dos dados que serviram para elucidar as questões levantadas pela pesquisa, no caso observação sistemática e questionários com questões abertas e fechadas distribuídos entre os

sujeitos de pesquisa (alunos e professores).

O último capítulo aborda a apresentação e análise dos dados por meio da interpretação dos resultados obtidos durante a pesquisa, utilizando gráficos e tabelas para os dados quantificáveis e análise dos das notas de campo da observação e das respostas abertas proveniente do questionário. Nesta parte o referencial teórico foi retomado para embasar as inferências resultantes da interpretação dos dados.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

A busca pelo referencial teórico deu-se principalmente pela procura de trabalhos científicos em sites sugeridos pela orientadora. Acessei a página virtual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), a qual fornece informações relevantes para aqueles que se interessam por educação, tendo em vista que sua finalidade, conforme explicitado na página principal do seu site, “é o fortalecimento da pós-graduação e da pesquisa na área da Educação no Brasil”.

Os artigos pesquisados estão disponíveis no banco de dados das reuniões anuais da associação, mais especificamente da trigésima a trigésima quinta reunião, acessando os artigos publicados pelos Grupos de Trabalho (GT) cujos temas tinham relação com a minha pergunta de pesquisa: GT04-Didática, GT06-Educação Popular, GT07-Educação de Crianças de 0 a 6 anos, GT10-Alfabetização, Leitura e Escrita, GT13-Educação Fundamental e GT16-Educação e Comunicação.

Pesquisei também no site SciELO (sigla em inglês referente a *Scientific Eletronic Library Online*, um espaço virtual para publicações científicas, teses, dissertações, artigos, entre outros), o qual contém um grande acervo de trabalho nas mais diversas áreas do conhecimento. Li ainda reportagens e ensaios publicados no site da revista Nova Escola, da Editora Abril dedicada exclusivamente à divulgação de informações e ao debate de questões educacionais.

Senti a necessidade de estender a minha busca por informações em documentos oficiais, que me forneceram conceitos e fundamentação legal sobre as séries iniciais do ensino fundamental, período escolar que constitui o foco da presente pesquisa. Tive acesso aos documentos do Ministério da Educação: Ensino fundamental de nove anos – Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade; Indagações sobre o currículo – Currículo e Desenvolvimento Humano; e ao documento impresso e distribuído pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) que trata das diretrizes pedagógicas do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA).

Iniciei meu trabalho de busca por referenciais teóricos lendo alguns livros relacionados à questão da educação de crianças e sobre conflitos na escola. Porém, por não terem sido produzidos com o devido embasamento científico, acabei por

descartá-los. Concentrei minha busca em artigos científicos na área de educação, pois percebi que abordavam o assunto de forma mais objetiva e traziam informações mais atualizadas. Para facilitar minha busca por textos relacionados ao tema, usei como descritores: relacionamento no ambiente escolar, comportamento dos alunos, relação professor-aluno no Ensino Fundamental, mídia e educação, *bullying* na escola. Tais descritores foram baseados em minha pergunta de pesquisa, que aborda a questão das relações interpessoais dentro da sala de aula: Quais são os diversos comportamentos apresentados pelos alunos inseridos no Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) da Escola Classe 52 de Taguatinga (EC 52) quando da interação entre eles e com os professores?

1.1 O que é o BIA?

O Bloco Inicial de Alfabetização (BIA), ciclo do Ensino Fundamental no qual está inserido o público-alvo desta presente pesquisa, foi implantado no Distrito Federal no ano de 2005, inicialmente nas unidades escolares situadas na cidade de Ceilândia, estendendo-se em 2006 para Taguatinga, em 2007 para Brazlândia, Guará e Samambaia e no ano seguinte para as demais cidades do Distrito Federal.

Foi criado para atender a Lei nº 3483, de novembro de 2004, ampliando o período do ensino fundamental de 8 para 9 anos e estabelecendo assim o ingresso da criança nas séries iniciais do ensino fundamental a partir dos 6 anos de idade. De acordo com as Diretrizes Pedagógicas do BIA:

O BIA apresenta uma organização escolar em ciclos de aprendizagem, assim, preconiza uma unidade escolar que proporcione o avanço de todos com a qualidade de aprendizagem e respeito às questões individuais dessas aprendizagens. O Distrito Federal adotou a progressão continuada no Bloco defendendo a não retenção dos alunos nos anos iniciais de alfabetização, na direção do que é defendido e preconizado pelo Ministério da Educação (DISTRITO FEDERAL, 2012, p. 10).

No tocante ao relacionamento entre professor e aluno, as diretrizes estabelecidas para o BIA determinam que o professor ou professora deve apresentar “uma postura docente jovial, curiosa, amorosa e comprometida com as aprendizagens das crianças” (DISTRITO FEDERAL, 2012). Outro aspecto relevante

no processo de aprendizagem das crianças inseridas no Bloco diz respeito ao princípio do reagrupamento, que se apresenta como uma estratégia de trabalho em grupo, pois promove a troca de experiências entre os alunos, o debate, a solução de problemas no coletivo e a construção do conhecimento. “A interação é um importante e positivo fator na aprendizagem” (AMARAL, 2006 apud DISTRITO FEDERAL, 2012).

1.2 Escola – ambiente de socialização

O grupo de alunos que ingressam no BIA da Escola Classe 52 de Taguatinga constitui-se de forma heterogênea, sendo que alguns alunos são provenientes da Educação Infantil e outros frequentam a escola pela primeira vez. Para estes a escola representa a primeira experiência com educação formal e possivelmente o primeiro contato com um grupo social fora do âmbito familiar. Há também dentro do grupo de alunos aqueles que apresentam necessidades educativas especiais (NEE), pois a escola é inclusiva.

A interação entre os alunos do BIA se dá de diversas maneiras, não se restringindo estritamente às atividades escolares. Eles interagem por meio de brincadeiras, jogos, conversas paralelas durante a aula. Nestes momentos de interação observam-se os mais variados comportamentos, tais como solidariedade, curiosidade, companheirismo, agressividade, pequenos conflitos com os colegas e com a professora, indisciplina, desatenção.

Observar a convivência entre crianças na escola é bastante pertinente, por constituir-se num dos principais locais onde se dá a socialização, principalmente no tocante ao conhecimento. Trevisol (2008, p. 8) coloca que na escola se dá “a construção e reconstrução de conhecimentos”, ambiente que proporciona a convivência de forma coletiva, social e onde também há interação por meio de valores. Quanto à Lima (2007, p. 19), a autora define bem este aspecto da escola quando afirma que

A instituição escolar (...) foi constituída na história da humanidade como um espaço de socialização do conhecimento formal historicamente construído. O processo de educação formal possibilita novas formas de pensamento e de comportamento: por meio das artes e das ciências o ser humano transforma sua vida e de seus descendentes. A escola é um espaço de ampliação da experiência

humana, devendo, para tanto, não se limitar às experiências cotidianas da criança e trazendo, necessariamente, conhecimentos novos, metodologias e as áreas de conhecimento contemporâneas.

1.3 Criança como ser social

A socialização entre as crianças se dá de forma natural, pois o homem é um ser social. Kramer (2007, p. 17) indica que elas “não formam uma comunidade isolada; elas são parte do grupo e suas brincadeiras expressam esse pertencimento. Elas não são filhotes, mas sujeitos sociais; nascem no interior de uma classe, de uma etnia, de um grupo social”. Na mesma linha de raciocínio, Benjamin (1981b apud CORSINO; SANTOS, 2007, p.4) define as crianças como “sujeitos da linguagem e da cultura” e afirma que “têm seu lugar social marcado pela realidade mais ampla. Suas construções e produções culturais, além das singularidades, trazem as marcas dos contextos sociais e políticos de seu tempo”.

Trevisol (2008, p. 3) ressalta que “a escola é o espaço da diversidade”, pois é onde convivem alunos dos mais diversos meios sociais, trazendo consigo “experiências, aprendizagens, conceitos, leituras e representações de mundo, de valores, formas de julgamento e de comportamento distintos.” Tais crianças “não chegaram à escola como folhas em branco, abertas para receberem as marcas de uma formação moral que a escola tem para oferecer” (GOERGEN, 2007 apud TREVISOL, 2008, p. 3).

Munarim (2007), numa pesquisa realizada sobre a influência dos conteúdos televisivos na cultura de movimento das crianças, reforça a visão de que a criança não é um simples sujeito passivo que apenas se deixa ser moldada quando da interação social. De acordo com a autora, a criança é “sujeito de autoria, que cria e produz significados”, são “atores sociais” e “críticos da realidade a que pertencem” (MUNARIM, 2007, p. 12).

1.4 Interação entre crianças e adultos

A criança, por ser um indivíduo em formação, tem como um dos principais parâmetros para a formação de sua personalidade e de suas atitudes a relação com pessoas adultas, como os pais, parentes, amigos, educadores. Lima (2007) traz uma

reflexão acerca desta relação em bases antropológicas, mostrando que o ser humano percebe que, para garantir a continuidade de espécie, é necessária a transmissão de conhecimentos adquiridos ao longo do desenvolvimento da humanidade para as próximas gerações. Ela afirma, então, que “o adulto detém um papel importante culturalmente determinado de garantir essa continuidade” (LIMA, 2007, p. 17).

No caso da presente pesquisa, abordei a relação da criança/aluno com seus professores. Não se trata apenas de uma relação de transmissão/recepção de conhecimentos acadêmicos, mas também de envolvimento emocional e afetivo e troca de valores e ideais. De acordo com Lima (2007, p.18),

a relação da criança com o adulto na escola é uma relação específica, porque o professor não é, simplesmente, mais um adulto com quem a criança interage – ele é um adulto com a tarefa específica de utilizar o tempo de interação com o aluno para promover seu processo de humanização.

Assim, como em outros exemplos de interação entre pessoas, não há uma padronização no tocante à relação professor-aluno, que ora pode se dar de forma harmoniosa e em outros momentos de forma conflituosa. Ravagnani (2007, p. 1) ratifica tal afirmação postulando que

Acreditamos que a relação professor–aluno tenha sofrido grandes mudanças com as novas propostas educacionais e que os contratos entre as duas partes não foram definidos; portanto, essa relação está sendo deteriorada e, com isso, a convivência em sala de aula tem-se tornado cada vez mais difícil.

Kramer (2007, p. 18) compartilha da mesma preocupação de Ravagnani (2007), pois, de acordo com aquela, a sociabilidade nos dias atuais está tão fragilizada que os adultos, em particular os pais e professores, não conseguem enxergar as possibilidades das crianças e tentam controlar, regular ou conduzir. Porém, demonstram medo de lidar com as crianças e os jovens, medo de negociação, medo de lidar por meio de diálogo e de autoridade.

Conflitos podem existir em qualquer relacionamento, porém o docente deve conseguir lidar com eles, procurando entender como seus educandos percebem as relações de poder, podendo assim tentar respeitar o seu espaço e seus limites, evitando a prática de atitudes autoritárias bem como a omissão de responsabilidade

(RAVAGNANI, 2007).

Para colocar isso em prática, o docente pode pensar em construir junto com os alunos regras de convívio social, a serem obedecidas por todos, permitindo, portanto, a existência de um espaço democrático, onde todos tenham voz e suas opiniões sejam respeitadas. Silva e Machado (2007, p. 12) sugerem também que “o professor deve instigar a criança para que esta possa construir novos significados diante do que aprende nas instituições de Educação Infantil, relacionando-os com outras experiências fora desses ambientes”.

Trevisol (2009, p. 8) destaca a responsabilidade do professor na sua relação com o aluno dizendo que

No cotidiano da escola, os professores ocupam papel essencial no processo educativo. Boa parte da responsabilidade no êxito ou fracasso desse processo reside no modo como o realiza o educador. No campo da formação moral dos alunos, acontece o mesmo. A postura desse profissional quando discute diferentes temas, transmite conhecimentos e, principalmente, torna-se “exemplo de vivência” do conjunto de valores que apregoa, será, sem dúvida, uma das condições essenciais na obtenção do êxito educativo. Os professores são “interlocutores da educação moral.

A relação professor-aluno deve ser pautada, antes de tudo, pelo respeito mútuo e o professor, como adulto e, portanto, já consciente de suas ações, deve ter ciência da sua importância na vida da criança, pois seus atos podem marcar para sempre, de forma positiva ou negativa, os educandos que veem nele um referencial.

1.5 A influência da mídia

Observa-se que nos dias atuais os educandos não têm mais como principais referências sua família e seus professores. Estamos vivendo num período conhecido como a Era do Conhecimento, marcado pela massificação do acesso aos mais diversos meios de comunicação. No caso do público alvo desta pesquisa, verifica-se uma penetração maior por dois canais de mídia: a televisão e a internet.

Em relação a essa temática, Munarim (2007, p.1) afirma que “as mídias têm estabelecido uma nova forma de ver e interpretar as situações cotidianas, modificando até mesmo o próprio conceito de infância, que tem sido revisto em termos contemporâneos.” A autora informa que hoje tornou-se comum a discussão

acerca dos efeitos benéficos ou maléficos dos meios de comunicação no desenvolvimento da criança, não se pode negar que esses meios “fazem parte do dia-a-dia da maioria das crianças em contextos urbanos” (MUNARIM, 2007, p. 1).

Citando Brougère (2004), Munarim (2007, p. 4) afirma “que nossa cultura, e talvez mais ainda a das crianças, tenha absorvido a mídia, e, de um modo privilegiado, a televisão. (...) a televisão transformou a vida e a cultura da criança, as referências de que ela dispõe. Ela influenciou, particularmente, a sua cultura lúdica”.

A revista Nova Escola aborda outros aspectos relacionados ao uso das novas mídias, em particular a internet e os jogos eletrônicos:

A internet e os games, por exemplo, permitem a experimentação de papéis sociais, ampliam o leque de relações interpessoais e o contato com informações, fornecendo elementos para a formação da identidade. Para pais e professores, esses recursos são muito novos, o que inibe a exploração. No entanto, é preciso conhecê-los para ajudar a moçada a construir uma relação saudável com eles.

Para os adolescentes, a tecnologia exerce fascínio porque é uma das poucas áreas em que eles têm desempenho melhor que os adultos. (...) Os adolescentes podem eleger ídolos, criar culturas próprias distantes da figura de autoridade dos pais e familiares e construir relacionamentos com certo distanciamento e liberdade (essencial na busca da autonomia que caracteriza a puberdade) (MOÇO, 2010, p. 1).

O acesso facilitado às novas tecnologias mudou a dinâmica da infância, pois se antes as crianças tinham como principal atividade brincadeiras que envolviam movimento e interação física com o outro, tais como brincadeiras com bola, pular corda, brincar de amarelinha, soltar pipa, andar de bicicleta, brincadeiras de roda, entre outras, hoje boa parte do seu tempo é destinada a exposição a uma tela, seja da televisão, computador, vídeo game. A interação com o outro mudou do contato físico para o virtual e a criatividade que antes era instigada durante as brincadeiras deu lugar ao contato com informações já processadas e de fácil assimilação.

1.6 A violência no convívio escolar

Um dos fatores que interferem na harmonia social no ambiente escolar é a violência, que pode ser manifestada física ou verbalmente. Na EC 52 há projetos de interação no recreio, pois este é o momento em que mais afloram conflitos entre os

educandos, visto que estão num período de brincadeiras livres e não estão sob a supervisão do docente. Observa-se que alguns alunos, principalmente os mais velhos (alunos do 4º e 5º ano) brigam, se machucam propositalmente ou não, se ofendem verbalmente ou realizam brincadeiras de mau gosto.

A elucidação para o entendimento de tais atitudes pode estar no trabalho de Paula e Silva e Salles (2008, p. 1), na qual as autoras constataam que há o “desenvolvimento de uma cultura de violência”, que provoca a banalização e naturalização de vários tipos de violência. Para elas a violência passa a ser “um fator constituinte de nossa sociedade” (PAULA E SILVA; SALLES, 2008, p. 1).

A escola, como instituição social, não está imune à violência presente na atual sociedade. Francisco e Libório (2009, p. 2) informam que “a escola, multifacetada, vem presenciando situações de violência que estão tomando proporções assustadoras em nossa sociedade. As situações de violência, anteriormente esporádicas, se tornaram uma constante em nossos dias”. Paula e Silva e Salles (2008, p. 3), debruçam-se sobre a questão da violência nas escolas, reforçando a informação trazida por Francisco e Libório (2009).

Nas escolas, segundo os professores, a violência está aumentando não somente do ponto de vista quantitativo como também do qualitativo. Os tipos de violência assinalados por eles como estando mais presentes no dia-a-dia da escola são as ameaças e agressões verbais entre alunos e entre estes e os adultos (PAULA E SILVA E SALLES, 2008, p.3).

Uma das formas de violência mais debatidas no âmbito do relacionamento entre crianças e jovens, principalmente dentro do ambiente escolar, é o *bullying*. Trata-se de uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva. A origem do termo está na palavra inglesa *bully* (valentão, brigão). Almeida et al (2007 apud FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009, p. 108) explica que

os maus tratos se distinguem de outras formas de agressão por seu caráter repetitivo ou sistemático, pela intenção de causar danos ou prejudicar alguém; que é habitualmente percebido/a como mais fraco/a ou está em uma posição fragilizada e dificilmente pode se defender. A recorrência, a intencionalidade e a assimetria caracterizam as situações de agressão como abuso de poder, no entanto, também pode acrescentar-se que estes comportamentos e atitudes não são necessariamente provocados pelas vítimas.

E quem pratica o *bullying*? Quem sofre as consequências? Fante (2003, 2005) e Lopes Neto (2005), citados por Francisco e Libório (2009, p. 3), relatam que o *bullying* é praticado por “autores agressores” e que as vítimas geralmente se caracterizam por pessoas “pouco sociáveis, inseguras, possuindo baixa autoestima”, e que não costumam reagir às agressões perpetradas contra elas.

Embora pareça mais evidente que a ajuda deva ser direcionada às vítimas, Francisco e Libório (2009) expõem no seu trabalho a constatação de Tognetta (2005) que afirma que ambos, vítima e agressor, necessitam de ajuda, uma vez que a vítima sofre deterioração da sua autoestima e o agressor de sua escala de valores.

É um problema que requer atenção por parte da escola, da família e da comunidade em geral, pois pode interferir no desenvolvimento dos educandos. Francisco e Libório (2009) alertam para o perigo do descaso em torno do assunto afirmando que

Apesar da dimensão e das consequências, este problema tem sido socialmente negligenciado, já que muitos adultos consideram-no inevitável na vida escolar e, por vezes, encaram-no como algo que faz parte da iniciação à vida adulta (Freire et al., 2006; Lopes Neto, 2005; Mascarenhas, 2006; Pizarro e Jiménez, 2007). A intimidação e a vitimização são processos de grande complexidade que se produzem no marco das relações sociais e com frequência no meio escolar, podendo agravar progressivamente o problema com severas repercussões a médio e longo prazos para os implicados.

Quaisquer fatores que venham a interferir na interação e socialização dos educandos merecem ser investigados para que possíveis intervenções sejam possíveis e se busque um crescimento saudável para a criança, tanto físico quanto intelectual.

2 METODOLOGIA

O procedimento metodológico adotado para responder à pergunta desta pesquisa (“Quais são os diversos comportamentos apresentados pelos alunos inseridos no Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) da Escola Classe 52 de Taguatinga (EC 52) quando da interação entre eles e com os professores?”) segue a linha das pesquisas de caráter qualitativo, pois diz respeito ao estudo de relações interpessoais que se dão no ambiente escolar e que, portanto, não apresentam dados mensuráveis.

Foi adotada uma abordagem qualitativa uma vez que a análise dos dados obtidos durante a pesquisa levou em consideração todo o contexto no qual está envolvida a situação analisada. Trata-se de um trabalho no qual o pesquisador agiu com certo grau de subjetividade na condução da pesquisa e na análise dos dados nela obtidos.

Os fatos sociais, aqueles que envolvem a participação de pessoas, ocorrem em decorrência de uma multiplicidade de fatores e, portanto, analisá-los à luz apenas de dados quantificáveis e de maneira estritamente objetiva poderá ocasionar o surgimento de resultados não muito confiáveis.

Por outro lado, a pesquisa qualitativa não precisa lidar apenas com informações subjetivas. Como observa Demo (1998, 101), “uma pesquisa qualitativa dedica-se mais a aspectos qualitativos da realidade, ou seja, olha prioritariamente para eles, sem desprezar os aspectos também quantitativos”.

No caso da presente pesquisa, houve dados quantificáveis provenientes da observação e dos questionários (conforme exposto a seguir), que foram tabulados e serviram de base para a discussão do problema de pesquisa, discussão realizada à luz do arcabouço teórico. O fato de uma pesquisa possuir um caráter subjetivo não impede que haja uma sistematização do trabalho. Demo (1998, p. 101) coloca que

É erro crasso imaginar que de conversas soltas, amadoramente conduzidas ou mal conduzidas, se possa extrair alguma análise mais profunda, ou que de algumas pessoas indagadas se possa inferir conclusões que abalem o universo.

As descrições dos fatos e comportamentos apresentados pela coleta de dados deve trazer, além do distanciamento do pesquisador, elementos que atestem

sua validade e permitam que o trabalho se enquadre nos moldes científicos. Ward-Schofield (1993 apud RICHARDSON; WAINWRIGHT, 1999, p. 5) sugere que se produza "descrição coerente e iluminadora de uma situação baseada no estudo consistente e detalhado dessa situação".

2.1 Observação

O tipo de observação mais adequado para a presente pesquisa é o da observação sistemática, também conhecida como estruturada, planejada ou controlada. De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 193), trata-se de uma "observação realizada em condições controladas, visando obter respostas a propósitos pré-estabelecidos". As autoras alertam, porém, que as normas que foram definidas "não devem ser padronizadas nem rígidas demais, pois tanto as situações quanto os objetos e objetivos da investigação podem ser muito diferentes. Deve ser planejada com cuidado e sistematizada" (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 193).

A questão da necessidade de um planejamento prévio para que se garanta uma observação eficiente também é enfatizada por Moroz e Gianfaldoni (2006, p. 78) que chamam a atenção para o risco de se "registrar uma informação relevante para o problema de pesquisa ou deixar passar algo que poderia ser importante, caso o pesquisador não saiba, com clareza, o que vai investigar e observar". Elas concluem que

O planejamento da observação, portanto, é essencial: só à medida que se tem claro o que deve ser observado é que se tem maior probabilidade de evitar irrelevâncias ou de identificar aspectos que, embora não previstos, deveriam ser considerados (MOROZ; GIANFALDONI, 2006, p. 78).

A intenção inicial seria a de se utilizar a observação participante para a coleta de dados da pesquisa, tipo de observação durante a qual há "a participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo, incorporando-se ao grupo, chegando a confundir-se com ele e realizando assim uma participação direta e pessoal" (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.194). Porém, pelo fato de não ter assumido a regência de classe no presente ano letivo, optei pela observação sistemática, visto que não estaria participando do cotidiano dos sujeitos de pesquisa observados. O fato de o pesquisador não estar inserido no grupo a ser pesquisado não invalida

nem diminui a qualidade da observação, pois como coloca Zanelli (2002, p. 83),

A observação atenta dos detalhes põe o pesquisador dentro do cenário, para que possa compreender a complexidade dos ambientes psicossociais, ao mesmo tempo em que lhe permite uma interlocução mais competente.

Durante o período de observação foram registradas notas de campo, para relatar os fatos referentes aos comportamentos apresentados pelos alunos durante a interação entre eles e com o professor. Por se tratar de uma observação do tipo sistemática, o trabalho foi realizado da forma mais objetiva possível, buscando reconhecer erros que venham a surgir e eliminando minha influência sobre o que estiver sendo observado.

O grupo de alunos observado, conforme relatado anteriormente, é composto por dez turmas de alunos na faixa etária de seis a oito anos, os quais estão em processo de alfabetização, inseridos no programa BIA (Bloco Inicial de Alfabetização). Os alunos foram observados durante o horário do recreio (duração de aproximadamente 20 minutos) e foi selecionada uma turma do 3º ano para a observação em sala de aula. O período da observação se deu entre quatorze de fevereiro (início do ano letivo) e quatorze de março de 2013.

2.2 Questionário

Entre os dias 25 de fevereiro de 2013 e primeiro de março, solicitei a todos os alunos a serem observados em sala de aula e aos docentes das turmas do BIA que respondessem a um questionário, composto por perguntas seguidas de opções de respostas para que o sujeito de pesquisa assinalasse uma opção (perguntas de múltipla escolha). Conforme destaca Lakatos e Marconi (2003, p. 207), esse tipo de pergunta proporciona dados facilmente tabuláveis e “proporciona uma exploração em profundidade quase tão boa quanto a de perguntas abertas.” O uso de perguntas com opções de respostas deve-se à preocupação em evitar, nas perguntas subjetivas, que se redija algo vago ou impreciso, situação que pode ocorrer nas respostas a esse tipo de pergunta.

Elaborei perguntas para os alunos para obter informações sobre o modo como eles se comportam, como eles veem o comportamento dos colegas e o que

eles pensam sobre a relação com o professor.

No questionário foi elaborado com o cuidado de não se fazer algo muito longo, de forma a não provocar desinteresse nos alunos na tarefa de responder às perguntas, o que pode vir a ocorrer com um número excessivo de questões, levando em consideração principalmente a idade dos sujeitos de pesquisa e sua pouca familiaridade com leitura e interpretação.

No caso do questionário aplicado aos docentes, foi abordado como estes veem a relação com os alunos e dos alunos entre eles mesmos, quais os valores predominantes que eles identificam nestas relações, o que eles pensam sobre a influência da mídia no comportamento dos educandos e que tipo de violência, caso exista, está mais presente no ambiente escolar. Para os docentes o questionário foi elaborado com questões de múltipla escolha e questões abertas.

O questionário representou um instrumento de grande valia para a coleta e também para a análise dos dados. Serviu para o embasamento da observação, pois a partir do ponto de vista dos sujeitos de pesquisa (docentes e educandos) foi realizada a observação, acompanhada, como já registrado, de anotações dos fatos e das impressões do pesquisador.

Como instrumento de análise, o questionário pode ser considerado como o mais relevante como parâmetro para a categorização dos dados, a qual guiou a interpretação destes.

2.3 Procedimento para análise de dados

A etapa de análise de dados não se deu exclusivamente após a coleta destes. Como observa Triviños (1987, p. 170), nas pesquisas predominantemente qualitativas não há necessariamente um período exclusivo para a coleta de dados e informações e outro para a análise destes.

No caso da análise dos dados, as finalidades desta etapa da pesquisa podem ser divididas nas seguintes ações: “estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte” (GOMES, 1994, p. 69).

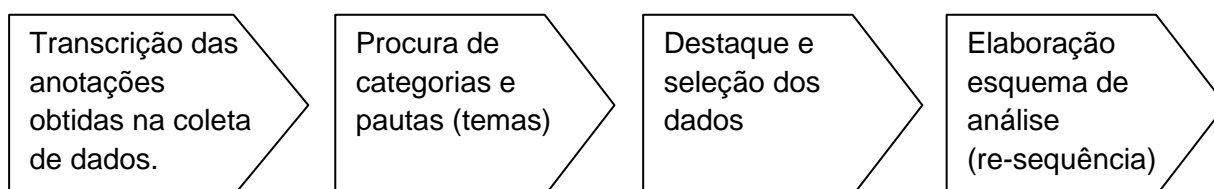
As notas de campo obtidas durante a observação dos sujeitos de pesquisa foram inicialmente transcritas para um processador de textos e posteriormente as

informações relacionadas ao foco da pesquisa serão agrupadas em categorias. O trabalho com categorias, de acordo com Gomes (1994, p. 70), “significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso.”

Na observação foram investigadas as relações interpessoais entre os alunos e entre estes e o professor, focando nas categorias dos aspectos relacionados ao tema da pesquisa: socialização no ambiente escolar, criança como ser social, interação criança-adulto, violência no convívio escolar. As respostas dos questionários também foram agrupadas em categorias e posteriormente tabuladas, assim como algumas informações quantificáveis provenientes da análise das notas de campo, buscando com este procedimento realizar o tratamento estatístico dos dados, por meio de gráficos e tabelas.

Para realizar a interpretação dos dados tomei inicialmente como base o modelo proposto por Fielding (1993, p. 163 apud RICHARDSON; WAINWRIGHT, 1999)

Ilustração 1: Passos da coleta de dados



Fonte: Organização Cleide Marcia de Souza Clímaco, 2013.

Seguindo, então, a orientação do modelo acima, fiz o levantamento das informações coletadas, realizei a categorização destas, enfatizei os dados mais relevantes e organizei a estrutura da análise a ser apresentada. O conjunto de dados e informações obtidos foram então confrontados e comparados durante o processo de análise de dados. Com esta comparação, realizada em conjunto com a teoria estudada sobre os temas ligados à pesquisa, foram encontrados os subsídios para embasar as respostas à pergunta de pesquisa.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados, conforme explicitado anteriormente, foi realizada por meio de observação sistemática e com a aplicação de questionário aos alunos e aos professores. Esta fase da pesquisa se deu de forma tranquila e proveitosa, provavelmente pelo fato de eu trabalhar na escola há mais de três anos e, portanto, ter um convívio com o grupo de docentes e com os alunos.

A receptividade aos questionários, tanto por parte dos professores quanto por parte dos alunos, foi muito boa, tendo um retorno de cem por cento dos questionários distribuídos. A observação também ocorreu sem dificuldades ou impedimentos e permitiu que fossem registrados os fatos relacionados ao questionamento da presente pesquisa.

Apliquei aos alunos 83 questionários em cinco turmas do 3º ano das séries iniciais do Ensino Fundamental. Para as professoras que atuam no BIA (1º ao 3º ano das séries iniciais do Ensino Fundamental) foi aplicado também um questionário. São 10 professoras que atuam na escola neste segmento, sendo que a maioria possui mais de 10 anos de experiência como alfabetizadora, e todas afirmaram que gostam de trabalhar nessa área.

O questionário destinado aos alunos possuía 8 questões, sendo 5 fechadas e 3 abertas. Notei que alguns alunos ficaram inseguros em responder as questões abertas, talvez por estarem sendo alfabetizados. Quanto à pesquisa com os docentes, foi aplicado um questionário com 10 questões abertas, sendo que todos foram entregues de volta respondidos.

As observações foram realizadas em dois ambientes distintos: dentro da sala de aula de uma turma do 3º ano, no decorrer de 2 semanas, duas horas por dia, totalizando 20 horas; e no pátio e corredores da escola durante o intervalo (20 minutos no turno matutino e 20 no vespertino), no período de um mês.

A interpretação dos dados coletados foi dividida em tópicos ligados aos temas e objetivos da pesquisa.

3.1 Socialização no ambiente escolar

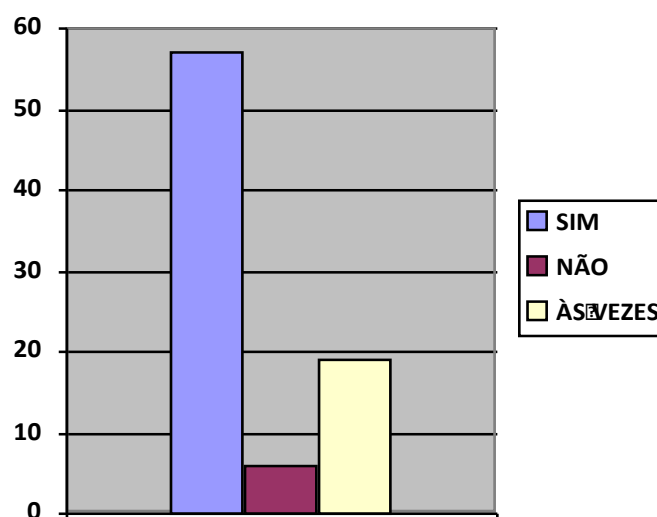
Os dados obtidos, tanto pelos questionários aplicados quanto pelas observações realizadas em sala e no intervalo, apontam que as crianças veem a

escola como um local de fazer amigos, de interagir com seus pares. As notas de campo obtidas durante a observação mostram que em sala de aula as crianças socializam-se de forma harmoniosa. A maioria gosta de brincar em grupos, são solidárias, compartilham brinquedos e materiais escolares. Há algumas conversas paralelas, porém a turma observada é tranquila e não apresenta casos de indisciplina.

No recreio nota-se que há uma interação mais natural e mais espontânea entre os alunos. Eles interagem não só com os colegas de classe, mas também com outros de outras turmas. Gostam muito de correr, principalmente durante uma brincadeira que denominam “polícia e ladrão”, e apreciam jogos com bola, como tênis de mesa e futebol. Com um projeto de incentivo ao xadrez desenvolvido pelo Orientador Pedagógica da escola, alguns dedicam seu tempo de lazer a esta atividade.

Tais observações fazem reportar às constatações de Silva e Machado (2007, p.11), num estudo de investigação sobre as micro relações sociais num ambiente de educação infantil, que compartilham com Montandon (2005), “a ideia de que a criança não é passiva, ela constrói estratégias que podem conduzir a mudanças nas suas relações com seus pares”. Prosseguem a constatação afirmando que as práticas desenvolvidas dentro das instituições nas quais a criança está presente recebem os efeitos da experiência desta.

Gráfico 1: Gosta de ir à escola?



Organização: Cleide Clímaco, 2013.

Quando questionados se gostam de ir para a escola, a maioria (68,7%) deu resposta positiva, como aparece no gráfico 1 na página anterior.

Confirmando os registros da observação referentes à socialização das crianças na escola, a questão nº 2 do questionário, na qual foi perguntado se possuíam amigos na turma na qual estudavam, mais uma vez a maioria deu uma resposta positiva, com 68,7% afirmando que tinha muitos amigos na turma. Houve ainda 27,7% que disseram que tinha poucos amigos e apenas 3 alunos (3,6%) disseram não ter amigos.

Os dados referentes às respostas da questão estão explicitados na tabela 1 abaixo:

Tabela 1: Você tem amigos na sua turma?

| Respostas | Quantidade | % |
|------------------|-------------------|----------|
| Muitos | 57 | 68,6 |
| Poucos | 23 | 27,7 |
| Nenhum | 3 | 3,6 |
| Total | 83 | 100 |

Organização: Cleide Clímaco, 2013.

Os dados acima mostram que a quase totalidade dos alunos desenvolve um relacionamento com seus pares no ambiente escolar. A importância de tal interação é destacada por Silva e Machado (2007, p. 13) quando colocam que

Tratando-se da interação entre as crianças, é preciso perceber que elas necessitam se comunicar entre si, ora trabalhando sozinhas, ora em grupos, o que irá produzir interações contínuas e permitir a construção de redes de trocas de experiências que se estendem para a família e para a comunidade.

No levantamento realizado entre os professores, houve unanimidade no que diz respeito à percepção de uma boa interação entre seus educandos no ambiente escolar. Ao responder a questão nº 5 do questionário (Como se dá a interação entre seus alunos na sala?), o grupo pesquisado demonstrou interesse no desenvolvimento do trabalho em equipe, procurando estimular atitudes solidárias entre eles. É o que pode se notar na resposta dada por uma das professoras: “É boa (a interação). Eles brincam, se ajudam emprestando materiais escolares e

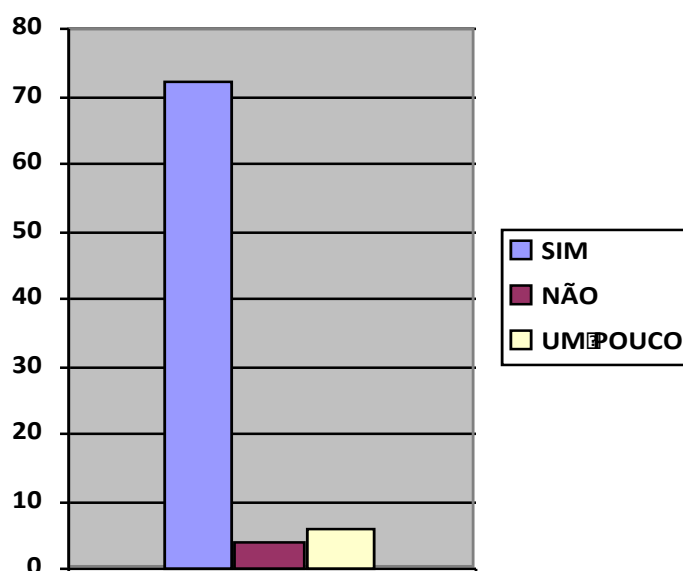
brinquedos”.

Alguns educadores também explicitaram usar o lúdico como recurso de integração entre as crianças, por meio de brincadeiras e jogos diversos. Vale destacar o que outra professora coloca acerca de conflitos surgidos durante tal integração, apontando que, mesmo ocorrendo de forma harmoniosa, há momentos em que a mediação e a interferência do educador se fazem necessárias.

3.2 Interação criança-adulto

Assim como a interação entre os seus pares, a interação dos alunos com suas respectivas professoras ocorre de forma positiva, como pode ser observado nos dados coletados. Na questão nº 3 do questionário aplicado aos educandos, perguntou-se a eles se gostavam da professora. O gráfico 2 abaixo mostra que grande parte dos alunos responderam sim, demonstrando ter afinidade com o educador.

Gráfico 2: Gosta da professora?



Organização: Cleide Clímaco, 2013.

Quanto às professoras participantes da pesquisa, verificou-se mais uma vez unanimidade, pois na resposta à questão nº 3 (Como é o seu relacionamento com os alunos?), todas elas afirmaram desfrutar de um bom relacionamento com seus educandos. Alguns aspectos deste relacionamento merecem destaque.

O respeito é apontado por três professoras como elemento da interação com os alunos. E outras quatro destacaram a predominância de uma relação amigável, demonstrando que a sala de aula é mais do que um ambiente destinado somente à transmissão de conhecimentos. A resposta de uma das professoras reforça essa percepção: “É um relacionamento amigo, compreensivo para que possa ter troca de conhecimentos, experiências, opiniões e aprendizagens”.

As observações ratificam as respostas do questionário. Na turma do terceiro ano observado, a relação da professora com a turma se dava de maneira harmoniosa, pois a grande maioria dos alunos demonstravam afeição e respeito pela professora. Nos poucos momentos em que se fez necessário que ela chamasse a atenção de algum aluno, ela o fez de maneira tranquila, sempre com um tom de voz baixo e o aluno demonstrava respeito e atendia o que lhe era solicitado. Normalmente ela chamava atenção de algum aluno que não estava prestando atenção às suas explicações, ou estava conversando paralelamente ao invés de participar da atividade proposta.

Na observação realizada durante o horário do recreio, foi constatada uma relação de respeito, afetividade e confiança entre as crianças e os demais adultos que fazem parte da comunidade escolar (direção, coordenadores, supervisor pedagógico, servidores). Sempre que tinham algum problema ou alguma necessidade, recorriam a esses atores em busca de auxílio.

Assim, o que foi apresentado pelos questionários e pelos registros de observação levam à confirmação de que não há uma relação autoritária na relação aluno-professor dentro do universo pesquisado, situação que encontra respaldo na reflexão de Corsino e Santos (2007). De acordo com as autoras (2007, p. 11), “as relações entre adultos e crianças não se sustentam apenas no eixo vertical”. Elas difundem a ideia de que a criança reinventa e transforma o legado que recebe, visto que os processos de socialização são interativos e acrescentam que a horizontalidade é importante para que se tenha ética em ambos os lados da relação para que se garanta o respeito à criança.

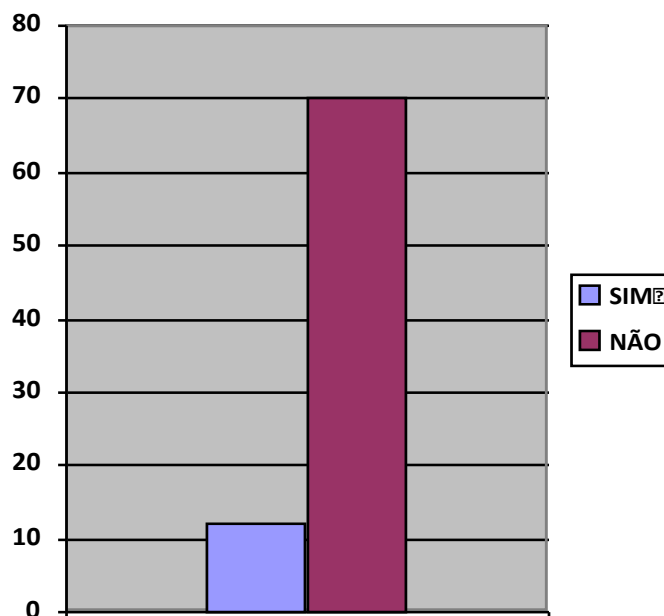
3.3 Violência no convívio escolar

Os dados acerca da presença da violência no ambiente escolar na interação aluno-aluno apresentam discrepâncias quando comparados os coletados entre os

educandos com aqueles coletados entre os educadores.

Aos alunos foi perguntado se já haviam brigado na escola, e apenas alguns responderam que sim. Os números referentes à questão nº 4 do questionário são apresentados no gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3: Já brigou na escola?



Organização: Cleide Clímaco, 2013.

Dentre os que afirmaram já ter se envolvido em briga na escola, os motivos por eles relatados foram os seguintes: “pirraça”, revidou uma agressão física (um colega chutou, e ele fez o mesmo), “por causa de um brinquedo”, “porque minha colega pegou meu brinquedo”, “um menino ficou me enchendo o saco”, “por causa do futebol”. Os atos violentos aos quais eles se referem é definido por Charlot (2002 apud PAULA E SILVA; SALES, 2008, p. 2) como violência na escola, que “é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar”.

Entre os professores, a proporção entre as respostas acerca da presença da violência se deu de forma inversa: oito das dez professoras que responderam ao questionário (questão nº 8) informaram que notam algum tipo de comportamento violento entre seus alunos, principalmente durante o recreio, “quando sentem-se mais soltas” e “por estarem sem acompanhamento mais direto”. E apontaram a agressão física e verbal como os tipos predominantes. Duas detalharam como

ocorrem as agressões, relatando que geralmente inicia-se com agressão verbal (xingamentos, ofensas) e posteriormente culmina na agressão física.

Tal situação está ligada ao que Paula e Silva e Sales (2008, p. 02) refletem acerca do que pode vir a ser violência: “a violência pode se manifestar por meio de agressões físicas ou por signos, preconceitos, metáforas, desenhos, ou por qualquer coisa que possa ser interpretada como ameaça ou intimidação.”

Houve ainda o relato de duas professoras, que alertam para o fato de a violência não estar necessariamente ligada à culminância de um conflito, pois aparece na forma de brincadeiras de luta.

Durante a observação realizada na sala de aula não foi registrado nenhum tipo de violência física ou verbal. A turma é tranquila e se envolve em todas as atividades propostas. Talvez contribua para o bom entrosamento da turma o fato de a grande maioria ser constituída de alunos que estudavam juntos em anos anteriores e possuíam assim um vínculo de amizade.

Observando os alunos no período do intervalo, percebeu-se que na primeira semana, após o retorno das férias escolares, o recreio ocorreu de forma bastante tranquila, não sendo registrado nenhum conflito entre eles. Já a partir da segunda semana ocorreram alguns casos, e foi necessário intervir com algumas crianças. Houve conflitos por causa do jogo de futebol no pátio e também devido ao uso do pebolim, pois só há um brinquedo desses na escola para muitas crianças brincarem ao mesmo tempo.

Os conflitos surgem, então, porque algumas crianças perdem e não querem parar de jogar para dar a vez para outro colega poder brincar. Foi observado também que tanto os meninos quanto as meninas gostam de brincar de puxar (no caso das meninas) os meninos para o banheiro feminino, e vice e versa. É outro tipo de brincadeira que geralmente gera conflitos. Uma das brincadeiras que se pode observar como sendo inadequada é a que eles denominam como “lutinha”, começam sempre brincando e no final normalmente acontece alguma confusão.

À questão sete (Alguém já fez com você alguma brincadeira ou colocou apelido que você não gostou?) muitas crianças responderam que nunca fizeram ou que não tinham sido vítimas de brincadeiras de mau gosto. Outras não responderam, pois são alunos inseridos no 3º ano de ensino fundamental que ainda não tem segurança na prática da escrita. Dentre os que deram resposta afirmativa, apontaram como apelidos mais frequentes os seguintes: baleia, gaga, pobre,

formiguinha, elefante, baleia, cabeça de martelo.

Não foi presenciada na sala de aula ocorrência de conflitos que caracterizassem o *bullying*, como casos de alunos colocando apelido ou fazendo alguma brincadeira de mau gosto. Já no recreio isso ocorre esporadicamente. E quando isso ocorre normalmente a criança vai até a direção para que se resolva o problema.

Não se pode caracterizar tais ocorrências como *bullying* pelo fato da literatura defini-lo como de caráter repetitivo e intencional, constituído por atos de violência mais contundentes que deixam claro a condição de vitimização por parte dos que experimentam tal comportamento agressivo. Pereira (2002) e Pizarro e Jiménez (2007) citados por Francisco e Libório (2009, p. 6), por exemplo, estabelecem o seguinte parâmetro: “para um indivíduo ser caracterizado como vítima é necessário fique o mesmo tenha sofrido de três a seis ataques no mínimo, em um mesmo período do ano, e que estes ataques apresentem um caráter de intencionalidade e repetição”.

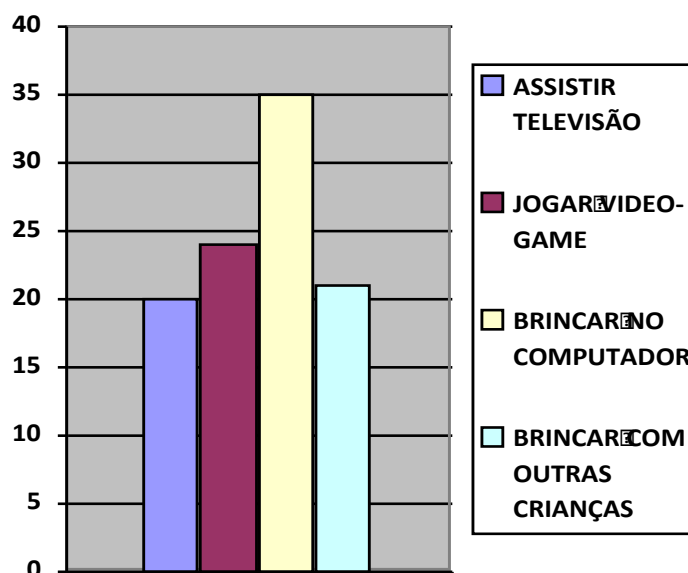
A Escola Classe 52 de Taguatinga, apesar de ter alguns casos esporádicos de violência, é, portanto, uma escola tranquila, principalmente em relação ao alunos inseridos no BIA. Os casos de agressão que ocorrem normalmente têm como envolvidos os alunos maiores, estudantes do quarto e do quinto ano.

3.4 Influência da mídia

Ficou claro na presente pesquisa que a mídia está bastante presente na mídia eletrônica (televisão, computador, vídeo game). Tanto professoras quanto alunos confirmaram a presença marcante destes meios de comunicação no cotidiano das crianças.

Quando aos alunos foi perguntado o que mais gostavam de fazer quando estavam em casa, sugerindo a eles quatro alternativas (questão nº 8), as respostas indicaram a preferência pelo computador (42,1%). As outras alternativas (televisão, vídeo game e brincadeira com outras crianças) obtiveram resultados parecidos quanto à preferência dos alunos (em torno de 25%). O gráfico 4, na página seguinte, mostra os resultados obtidos com essa questão (as alternativas não são excludentes):

Gráfico 4: O que você gosta de fazer quando está em casa?



Organização: Cleide Clímaco, 2013.

As professoras abordaram esse tópico sob outro enfoque, pois a pergunta direcionada a elas buscava colher suas opiniões sobre a influência da mídia na formação das crianças e qual delas exercia maior influência (questões 6 e 7). Todas acreditam que há realmente tal influência, porém opinaram que a televisão tem um papel mais determinante na formação dos alunos, apesar de estes informarem que preferem o computador e o vídeo game à televisão no seu horário de lazer em casa. No caso do computador, especificaram-no como instrumento para acesso à internet. A tabela abaixo explicita a opinião das professoras acerca dos tipos de mídia que influenciam seus alunos:

Tabela 2: Que mídia exerce maior influência na formação dos alunos?

| Mídias | Quantidade | % |
|-----------|------------|-----|
| Televisão | 6 | 60 |
| Internet | 1 | 10 |
| Ambos | 3 | 30 |
| Total | 10 | 100 |

Organização: Cleide Clímaco, 2013.

As observações feitas em sala de aula e durante o recreio confirmam as informações fornecidas tanto pelos alunos quanto pelas professoras, no tocante à presença da mídia no cotidiano dos alunos. Isso ficou claro ao observar suas

conversas, brincadeiras, as músicas que gostam de cantar e dançar, enfim, suas manifestações culturais e comportamentais em geral. O que lhes é apresentado pela mídia muitas vezes funciona como elemento de interação, quando é algo conhecido e visto por todos.

Como afirma Migliora (2010, p. 25), “a televisão é uma fonte socializadora a partir da qual se constrói identidades”. As conclusões do estudo de Munarim (2007) sobre a influência do imaginário midiático na cultura de movimento das crianças também apontam para essa direção. Ela coloca que

Brincando com seus pares, as crianças identificam com o elemento comum que pode ser representado por um personagem ou ação mostrada na TV ou videogame e a partir daí dialogam e constroem regras para seus jogos inspirados neste conhecimento comum (MUNARIM, 2007, p. 11).

As preferências giram em torno do que está fazendo sucesso e que chamam a atenção para a faixa etária da criança. Há uma grande diversidade do que pode lhes chamar a atenção, como novelas, notícias de grande repercussão, ritmos musicais, cantores. As crianças demonstram na sua seletividade que não são receptores passivos do que lhes é apresentado. Selecionam o que consideram mais interessante.

Brougère (2004, p. 53 apud MUNARIM, 2007, p. 4) vai mais além, ao indicar que “não basta que as imagens sejam apresentadas na televisão, nem mesmo que elas agradem, para gerar brincadeiras; é preciso que elas possam ser integradas ao universo lúdico da criança”.

Migliora (2010, p. 02) compartilha tal pensamento afirmando que

Entendemos que as crianças são sujeitos ativos na apropriação dos conteúdos televisivos, o que significa dizer que elas têm uma significação própria daquilo que é veiculado, mesmo que seja em diferentes graus de complexidade.

Não foi possível, porém, distinguir por meio da observação qual mídia tem uma influência mais marcante no cotidiano das crianças. Sabe-se que atualmente, muitas dos programas, informações e imagens que aparecem na TV também estão disponíveis na Internet, e como boa parte dos alunos afirmaram no questionário que têm acesso ao computador, há uma simultaneidade no uso dessas duas mídias. O

rádio também aparenta estar presente na vida das crianças, pois estão sempre cantando e comentando sobre as músicas que fazem sucesso.

3.5 Valores

Os valores demonstrados pelos alunos nos seus relacionamentos dentro do ambiente escolar são, na visão da maioria das professoras que responderam o questionário, como sendo de cunho positivo. Valores podem ser definidos como um “conjunto de normas, princípios ou padrões sociais aceitos ou mantidos por indivíduos, classes, sociedades” (FERREIRA, 1986, p. 1751 apud TREVISOL, 2008, p. 01).

As professoras listaram valores como respeito, amizade, compromisso, solidariedade, amor ao próximo, “educação” (polidez), responsabilidade, confiança. Destaca-se entre os valores citados o respeito, pois seis entre dez docentes apontaram como um valor presente nas atitudes de seus alunos. Respeito que, na concepção de La Taille (2002, p. 274 apud PLACCO; SOUZA, 2008, p. 02), está associado ao autorrespeito que “seria condição para se respeitar moralmente outra pessoa, ou seja, se não se respeita a si próprio também não se respeita o outro”.

Em algumas respostas analisadas nos questionários das professoras, foi possível identificar a importância do papel do professor na formação de valores nos educandos. Foi relatado por boa parte das professoras que no relacionamento com os alunos e na sua dinâmica de trabalho procuram transmitir valores que consideram importantes para a formação da criança. Nas suas respostas indicaram que estimulam o respeito mútuo, a solidariedade, a responsabilidade, a amizade.

Trevisol (2008) valoriza tal atitude, pois postula que o professor, além de ocupar um papel de caráter essencial no processo educativo, tem também grande responsabilidade na formação moral dos seus alunos. De acordo com a pesquisadora, os educadores podem tornar-se “exemplo de vivência” do conjunto de valores que buscam transmitir e eles são “interlocutores da educação moral” (TREVISOL, 2008, p. 8).

Embora tenham relatado que presenciaram algumas ocorrências de comportamentos violentos por parte dos educandos, não chega a ser uma contradição das professoras apontar valores positivos nas relações aluno-aluno e aluno-professor, uma vez que destacaram que tais comportamentos surgem

principalmente durante o recreio, período no qual estão interagindo livremente, sem a supervisão direta de um adulto. Observam ainda que são casos isolados, que acontecem esporadicamente, e que às vezes surgem por conta de brincadeiras de luta.

Uma das professoras, porém, apontou as distorções de alguns valores por parte de seus alunos, causadas, de acordo com ela, pelas mudanças pelas quais passa a sociedade atual. Ela ponderou que

Como parte de uma cultura geral que vem predominando em nossa sociedade atual, as crianças em geral, são consumistas, acreditam que suas vontades tem que ser satisfeitas imediatamente, perderam um pouco da noção de limites e de respeito, são excessivamente comunicativas e possuem um pouco de dificuldade de ouvir (PROFESSORA).

A reflexão apresentada pela professora vem ao encontro das colocações de Trevisol (2009) no texto publicado sobre a construção de valores na escola. A autora alerta para o fato de estar se retomando a discussão sobre a moral e os valores, sendo que ela acredita que um dos motivos para isso é “a situação de crise da base moral que orienta o agir dos indivíduos” (TREVISOL, 2008, p. 1).

Os registros da observação em sala de aula e no recreio estão de acordo com os relatos das professoras. Em sala, quando na presença de um adulto e realizando atividades direcionadas, percebe-se por parte dos educandos o desenvolvimento de um comportamento harmonioso, tranquilo, com base no respeito e na amizade, sem maiores conflitos. Durante o recreio, mesmo havendo a supervisão de algum adulto, as crianças, por estarem em uma situação de espontaneidade e devido à agitação típica da idade, observam-se algumas atitudes de cunho negativo, como ofensas, xingamentos, e até agressões físicas. Contudo não são frequentes e não pode se afirmar que são inerentes à índole dos educandos observados na presente pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de refletir sobre as relações interpessoais que se formam no ambiente escolar, principalmente no que diz respeito às interações aluno-aluno e aluno-professor, foi formulado o presente problema de pesquisa: “Quais são os diversos comportamentos apresentados pelos alunos inseridos no Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) da Escola Classe 52 de Taguatinga quando da interação entre eles e com o professor?”.

Com base nas observações realizadas em sala e no período do recreio e nas respostas obtidas por meio de questionário entregue aos docentes e aos alunos das turmas de terceiro ano, percebeu-se que o relacionamento das crianças entre si e com os adultos se pauta em valores positivos, como o respeito mútuo, a solidariedade, a amizade. Nesta faixa etária (6 a 8 anos), as crianças na sua grande maioria convivem bem com as diferenças, gostam de brincar em grupo, fazem amizade com facilidade. Os dados coletados mostraram que as crianças selecionadas como sujeitos de pesquisa convivem em harmonia, gostam de frequentar a escola, e normalmente não se envolvem em brigas.

Durante a observação no horário do recreio ocorreram alguns casos isolados de conflitos entre os educandos. Vale destacar, porém, que na maioria dos casos os envolvidos eram alunos mais velhos, geralmente matriculados no quarto e no quinto ano. Incidentes com os alunos do BIA, durante o intervalo, geralmente eram consequência de brincadeiras que terminavam mal, tais como “pique-pegas”, “polícia e ladrão”, futebol. A existência de situações conflituosas envolvendo alguns educandos do 4º e do 5º ano abre a prerrogativa para investigações futuras sobre aspectos comportamentais nesta faixa etária.

Isso mostra também a necessidade de se realizar um trabalho educativo, de caráter preventivo, com os educandos que cursam o BIA visando minimizar as possíveis atitudes negativas que venham a gerar conflitos que surgem quando estão iniciando a pré-adolescência.

Os dados coletados indicam também que o momento em que surgem mais conflitos no relacionamento entre os alunos se dá durante o recreio, quando estes, mesmo sob a supervisão de algum outro ator da comunidade escolar (coordenador ou supervisor pedagógico, diretor ou vice-diretor, auxiliar de ensino, etc.), sentem-se mais soltos e participam de brincadeiras e passatempos os mais diversos, que por

vezes podem trazer consequências não desejáveis, como ofensas ou lesões físicas.

Tal situação talvez ocorra por não contarem com uma atividade orientada. Seria interessante então um projeto no qual fossem desenvolvidas atividades nesse período, tendo como foco principal o desenvolvimento de valores que motivassem a integração entre as crianças.

Hoje já existe na escola onde foi realizada a pesquisa algumas atividades nesta direção, como o “Projeto Xadrez” e o trabalho com monitores (alunos do 4º e do 5º ano auxiliando e orientando brincadeiras). Foi observado, contudo, que tais projetos não são totalmente eficazes, pois não conseguem atender a todos os alunos.

Como sugestão de outro projeto educativo, pode-se implantar um recreio cultural: a escola convidaria artistas (para apresentações de dança, teatro, música), contadores de história, professores de capoeira ou de outra atividade física.

Vale lembrar ainda que qualquer trabalho ou projeto educativo que aborde valores e atitudes das crianças dos dias atuais passa necessariamente pela questão da influência das diversas mídias na nossa sociedade. Os educandos da Escola Classe 52 de Taguatinga informaram por meio do questionário que fazem uso na maior parte do seu tempo livre do computador, embora as professoras acreditem ser a televisão a mídia que mais exerce influência sobre seus alunos.

Na realidade, as crianças de hoje nasceram na era digital, na qual as informações muitas vezes circulam simultaneamente em diversas mídias. O fato é que as observações e as respostas dos questionários apontaram para influência no linguajar dos educandos, no modo de vestir, nas brincadeiras. Ficou evidente ainda que há influência de caráter positivo e também negativo.

Para um trabalho que envolva o desenvolvimento de valores nas crianças, deve-se ter o cuidado para aproveitar o que as mídias atuais oferecem de construtivo para a sociedade. A formação das nossas crianças não está apenas a cargo da família e da escola. Temos que levar em consideração que a mídia hoje também contribui para essa formação, e nós educadores podemos usar isso a nosso favor.

A pesquisa mostrou, tanto por meio dos questionários quanto pela observação, que o vínculo entre aluno e professor é muito forte nessa faixa etária. Nesta faixa etária geralmente a criança está no processo de criação de relacionamentos fora do âmbito familiar, e, como nas séries iniciais do ensino

fundamental há apenas um professor regente, que convive por cinco horas diárias com os alunos, acaba por se formar laços afetivos, de amizade e de confiança.

Ao serem questionados sobre seu relacionamento com a professora, a grande maioria (72%) afirmou gostar dela. As observações realizadas durante a coleta de dados mostraram que realmente há uma grande empatia entre aluno e professor na turma observada.

A inquietação que levou a este trabalho de pesquisa estava relacionada à identificação dos valores presentes nas atitudes comportamentais dos educandos dos anos iniciais do ensino fundamental e como se dá o relacionamento destes com o educador. Os resultados mostraram que há predominância de valores de cunho positivo nas suas atitudes, e que a relação interpessoal entre estes atores é harmoniosa.

REFERÊNCIAS

CORSINO, Patrícia; SANTOS, Núbia de Oliveira. Olhares, gestos e falas nas relações de adultos e crianças no cotidiano de escolas de Educação Infantil. *Anais eletrônicos*, ANPEd, 30., GT07 – Educação de Criança de 0 a 6 anos, Caxambu, MG. Rio de Janeiro: ANPEd, 2007. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT07-3448--Int.pdf> Acesso em 08 de dezembro de 2012.

DEMO, Pedro. Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. *Revista latino-americana de enfermagem*, Ribeirão Preto, SP, v. 6, n. 2, p. 89-104, abr 1998.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Educação do Distrito Federal. *Diretrizes Pedagógicas do Bloco Inicial de Alfabetização*. 2. ed. Brasília: SEEDF, 2012.

FRANCISCO, Marcos Vinicius e LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. Um estudo sobre *bullying* entre escolares do ensino fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 2009.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Orgs.). *Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Elvira Souza. Indagações sobre currículo. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Orgs.). *Currículo e desenvolvimento humano*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MIGLIORA, Rita Rezende Vieira Peixoto. Crianças e televisão: hábitos televisivos e diálogo familiar. *Anais eletrônicos*, ANPEd, 33. GT16 – Educação e Comunicação, Caxambu, MG. Rio de Janeiro: ANPEd, 2010. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT16-4080--Int.pdf>. Acesso em 30 de novembro de 2012.

MOÇO, Anderson. Um desafio real. *Revista Nova Escola*. 236 ed, out. 2010. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/jovens-tecnologia-602331.shtml>. Acesso em 05 de dezembro de 2012.

MOROZ, Melania; GIANFALDONI, Mônica Helena T. A.. *O Processo de Pesquisa –*

Iniciação. 2. ed. Brasília: Líber Livros, 2006.

MUNARIM, Iracema. Brincando na escola: o imaginário midiático na cultura de movimento das crianças. *Anais eletrônicos*, ANPEd, 30., GT16 – Educação e Comunicação, Caxambu, MG. Rio de Janeiro: ANPEd, 2007. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT07-3448--Int.pdf>. Acesso em 08 de dezembro de 2012.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. O auto respeito na escola. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, v. 38, n.135, set./dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742008000300009&script=sci_arttext. Acesso em 02 de dezembro de 2012.

PAULA E SILVA, Joyce Mary Adam de; SALLES, Leila Maria Ferreira. A violência no âmbito escolar: considerações sobre a violência da e na escola. *Anais eletrônicos*, ANPEd, 31., GT13 – Ensino Fundamental, Caxambu, MG. Rio de Janeiro: ANPEd, 2008. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT13-4324--Int.pdf>. Acesso em 02 de dezembro de 2012.

RAVAGNANI, Maria Cecília Arantes Nogueira. Estudo comparativo de representações de autoridade docente em alunos e professores. *Anais eletrônicos*, ANPEd, 30., GT13 – Ensino Fundamental, Caxambu, MG. Rio de Janeiro: ANPEd, 2007. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT13-3671--Int.pdf>. Acesso em 08 de dezembro de 2012.

RICHARDSON, Roberto Jarry; WAINWRIGHT, David. A pesquisa qualitativa crítica e válida. In: RICHARDSON, Roberto (Org). *Pesquisa Social*. 3. ed. São Paulo: Atlas. 1999. Cap. 6.

SILVA, Sandra Cristina Vanzuita da; MACHADO, Cila Alves dos Santos. A pesquisa sobre as práticas de Educação Infantil: investigando as micro relações sociais. *Anais eletrônicos*, ANPEd, 30., GT07 – Educação de Criança de 0 a 6 anos, Caxambu, MG. Rio de Janeiro: ANPEd, 2007. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT07-3461--Int.pdf>. Acesso em 08 de dezembro de 2012.

TREVISOL, Maria Teresa Ceron. A construção de valores na escola: com a palavra os professores do ensino fundamental (1ª a 4ª série). *Anais eletrônicos*, ANPEd, 31., GT13 – Ensino Fundamental, Caxambu, MG. Rio de Janeiro: ANPEd, 2008. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT13-4324--Int.pdf>. Acesso em 02 de dezembro de 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

ZANELLI, José Carlos. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. *Estudos de Psicologia*, v. 7, número especial, p. 79-88, 2002.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

1 – Você gosta de ir para a escola?

- () sim
- () não
- () às vezes

2 – Você tem muitos amigos na sua turma?

- () muitos
- () poucos
- () nenhum

3 – Você gosta da professora?

- () sim
- () não
- () um pouco

4 – Você já brigou na escola?

- () sim
- () não

5 – O que você faz no recreio?

6 – Alguém já fez com você alguma brincadeira ou colocou apelido que você não gostou?

7 – Quando está em casa, o que você mais gosta de fazer?

- () assistir televisão
- () jogar vídeo-game
- () brincar no computador
- () brincar com outras crianças

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

1 – Há quanto tempo você trabalha com turmas de alfabetização?

2 – Por que você trabalha com alfabetização?

3 – Como é o seu relacionamento com os alunos?

4 – Que valores você considera como predominantes no comportamento e nas atitudes dos seus alunos?

5 – Como se dá a interação entre seus alunos na sala?

6 – Você percebe que a mídia influencia na formação dos alunos?

7 - Caso a resposta seja afirmativa, qual, na sua opinião, exerce maior influência (televisão, internet, rádio, jornal, revista etc)?

8 – Você nota algum comportamento violento entre os alunos?

9 - Qual seria o tipo de violência mais comum?

10 – Em que momentos (recreação, recreio, sala de aula, passeios extraclasse, você observa que ocorre com maior frequência comportamentos de cunho violento (físico ou verbal) por parte dos educandos?

APÊNDICE C – TERMO DE COLABORAÇÃO

Caras professoras,

Gostaria de contar com a sua colaboração respondendo o questionário abaixo, o qual na pesquisa que estou realizando no curso de Pós-Graduação em Coordenação Pedagógica, tendo como tema o relacionamento observado entre os alunos e destes com a professora. Sua opinião será de grande valia para os meus estudos e desde já agradeço a sua contribuição.

Atenciosamente,

Cleide Marcia de Souza Clímaco.

APÊNDICE D – ROTEIRO DA OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA

Observação em sala:

- Observar por duas horas diárias consecutivas durante duas semanas;
- Aspectos e fatos a serem observados: interação professor-aluno; relacionamento dos alunos entre si; possíveis conflitos; brincadeiras e momentos de lazer;
- Evitar interferência na rotina da turma;
- Realizar registros escritos.

Observação durante o recreio:

- Observar por vinte minutos o recreio do período matutino e vespertino durante um mês;
- Circular entre os alunos durante a observação, evitando interferências;
- Aspectos e fatos a serem observados: interação entre os alunos; brincadeiras favoritas; possíveis brigas e conflitos; interação criança-adulto (atores da comunidade escolar que supervisionam o recreio);
- Realizar registros escritos.